

O Bode Expiatório

12.VIII.51

Encontra-se o Congresso em situação difícil. E' o Brasil, talvez, o único país do mundo, em que um govêrno constitucional saído também do voto popular, procura desmoralizar e aluir a representação nacional. Trata-se evidentemente de um plano, ou, melhor, da reedição de um plano, que tão bons resultados deu em 1937. Visa-se preparar o ambiente para a ditadura, ditadura quanto possível constitucional, mediante oportunas emendas do estatuto básico, ou ditadura anti-constitucional, mediante um golpe mais ou menos violento.

Mas, além d'êste objetivo de grande alcance, outra razão há para a campanha de descrédito, a que com tamanho afã se entregam os órgãos chegados ao govêrno. Como candidato, o sr. Getúlio Vargas prometeu o paraíso na terra; a sua simples chegada ao poder transformaria o país como por encanto. Muita gente, esquecida ou ignorante de que o maior artífice da carestia tinha sido o próprio sr. Getúlio Vargas, com a errônea política praticada durante os quinze anos do seu govêrno, votou nêle confiadamente e, o que pior é, o levou ao Catete. Sete meses são já passados e o prometido milagre, longe de realizar-se, parece distanciar-se cada vez mais. Já não se pode dissimular a decepção popular, que começa a altear a voz, transformando-se em descontentamento.

Como sair da dificuldade, se a dificuldade parece intransponível? O remédio é conhecido desde a mais remota antiguidade. E' o bode expiatório, capaz de carregar consigo tôdas as culpas de um povo, quanto mais as de um só homem, por mais culpado e poderoso que êle seja. Ora, no caso do sr. Getúlio Vargas, o bode expiatório é o Congresso Nacional. E que grande e prestimoso bode!

Não conseguiu o Presidente da República deter, sequer, a ascensão do custo da vida? Pois, de quem a culpa, senão do Congresso, que não lhe dá logo e logo, sem pesar nem refletir, as leis demagógicas e, em muitos pontos, evidentemente inconstitucionais que lhe êle pede e, muito mais e mais certamente que resolver o problema, lhe permitirão instituir plenamente a ditadura? "O" povo, bom povo brasileiro — exclama o Presidente — vê bem o que está acontecendo: eu peço leis que te façam feliz e êstes traidores mas denegam ou retardam, que o mesmo é que negá-las! Vê, bom povo, a que extremos me levarão êles!"

Essa é a triste situação a que chegou o Congresso Nacional nêste país que, com sessenta anos de presidencialismo e não poucos de ditadura, perdeu a apreciável educação democrática trazida do Império e chafurda agora em plena demagogia. Como procederá êle para salvar-se e salvar consigo a democracia?

Esta é a árdua questão que tememos não seja acertadamente resolvida por seus líderes mais responsáveis. Temos a impressão de que êles se acham tomados de verdadeiro terror. Acusa-se o Congresso de trabalhar pouco, ou, pelo menos, de trabalhar com pouco rendimento? Pois, então, ponha-se o Congresso a votar, de olhos fechados, sem as examinar e discutir, tôdas as leis que lhe peça o Poder Executivo. Está o Congresso, por sua inércia ou lentidão, demorando a milagrosa restauração do país prometida pelo sr. Getúlio Vargas? Pois conceda-lhe então pressurosamente tôdas as medidas reclamadas, sem examinar, sequer, a sua constitucionalidade e conveniência. Tudo, menos ser injustamente acusado pela demagogia triunfante.

Dá-nos, realmente, o Congresso a impressão de um animal acuado. Quase ninguém o defende e não o ama o povo de que emana. Mas a pior política seria a de entregar-se êle à demagogia entronizada no Catete. Ainda há uma saída. E' fazer frente corajosamente aos seus inimigos, pela única maneira de que dispõe um poder desarmado: cumprindo virilmente o seu dever e fazendo compreender ao povo qual seja a sua verdadeira missão.

Não há dúvida que muito se poderá melhorar na técnica

com que trabalha o Congresso. Façam-se, pois, as reformas necessárias e que já há muito vem sendo estudadas na Câmara. Façam-se, porém, as reformas não para apressar a elaboração legislativa, senão sómente para aperfeiçoar, o que é coisa diferente e, não poucas vêzes, contrária. O parlamento não é uma fábrica de leis, cujo mérito se avalie pelo volume da produção. Muito mais danoso que retardar uma lei, é fazer uma lei má. Poucas leis e boas, tal o ideal da democracia; tal, portanto, a verdadeira tarefa do parlamento.

Demais, legiferar é, apenas, uma das suas tarefas e não, talvez, a mais importante. E, quanto à própria legiferação, grande papel do parlamento é preparar o ambiente a receber a lei, pela cuidadosa discussão do projeto e pelas delongas que ela acarreta. Quem, a não ser em certas situações de emergência, reclama do parlamento celeridade, não tem a menor idéia do que seja o processo democrático.

Assim, a melhor defesa do Congresso, na triste conjuntura atual, em que de todos os lados contra êle se exerce uma pressão perigosa, não está em ceder, senão em cumprir serenamente, da melhor forma possível, o seu dever e procurar esclarecer o povo, tão iludido e falto de verdadeira experiência democrática, em que verdadeiramente consiste semelhante dever.